

AS INTERMITÊNCIAS DISTÓPICAS E PANDÊMICAS DAS CIDADES BRASILEIRAS: UM DIÁLOGO COM SARAMAGO

Andréa Nogueira do Amaral Ferreira¹

Diogo Pataro dos Santos²

Gustavo Souza Santos³

RESUMO

A pandemia de COVID-19 se configurou como uma crise sanitária de proporção fractal. Isto é, suas contraturas revelaram crises para além da saúde pública, expondo crises e colapsos socioeconômicos e políticos em diferentes escalas do espaço global. No Brasil, a evolução atroz da doença e a insalubridade em sua gestão, acenaram para um vertiginoso quadro de mortes, criando dos noticiários ao imaginário um quadro de dessensibilização distópica. Toda crise tem duas faces, a utópica e a distópica, interpolando-se para mediar as relações e acontecimentos do cotidiano. Desse modo, este trabalho procurou associar o contexto pandêmico no Brasil e a produção do espaço urbano, ora utópica, ora distópica, promovendo espacializações e espacialidades cotidianas desiguais. Adota-se como interlocução para reflexão deste contexto, a obra *As intermitências da morte* (2005) de José Saramago, buscando na literatura ficcional o viço interpretativo para os cenários aflitivos da vida na cidade.

Palavras-chave: Espaço urbano. Pandemia. Utopismo. Desigualdade. Cotidiano.

*DYSTOPIAN AND PANDEMIC INTERMITTENTS OF BRAZILIAN CITIES: A
DIALOGUE WITH SARAMAGO*

ABSTRACT

¹Doutoranda em Desenvolvimento Social e mestra em Letras/Estudos Literários (Unimontes). Professora da faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário FIPMoc (UNIFIPMoc). E-mail: deiamaral1@hotmail.com.

²Mestre em Desenvolvimento Social (Unimontes). Psicólogo do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP). E-mail: dgpataro@yahoo.com.br.

³Doutor em Desenvolvimento Social (Unimontes). Professor das faculdades de Comunicação Social e de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FIPMoc (UNIFIPMoc). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9712-2690>. E-mail: gustavo.ccpv@gmail.com.

The COVID-19 pandemic was configured as a fractal health crisis. That is, their contractures revealed crises beyond public health, exposing socioeconomic and political crises and collapses at different scales of the global space. In Brazil, the atrocious evolution of the disease and the unhealthy nature of its management signaled a dizzying picture of deaths, creating a picture of dystopian desensitization from the news to the imagination. Every crisis has two faces, the utopian and the dystopian, interpolating to mediate everyday relationships and events. Thus, this work sought to associate the pandemic context in Brazil and the production of urban space, sometimes utopian, sometimes dystopian, promoting unequal everyday spatializations and spatialities. The work *As intermittence of death* (2005) by José Saramago is adopted as an interlocution for analysis and discursive contribution, seeking in the fictional literature the interpretative vigor for the distressing scenarios of life in the city.

Keywords: Urban space. Pandemic. Utopianism. Inequality. Quotidian.

INTRODUÇÃO

A pandemia se define como um contexto infeccioso de dispersão e progressão alargada geograficamente. E, nesse sentido, implicações sanitárias e de saúde pública se misturam a dinâmicas socioeconômicas. Cada realidade oferece um roteiro de impactos, todavia o vilipêndio do cotidiano por um contexto temeroso é uma ligação comum. Por certo que a COVID-19 designa uma pauta que, já inscrita no imaginário, tornou-se uma espécie de eixo social paradigmático.

Convém deter o olhar sobre outros processos e crises consequentes do contexto covídico. O primeiro olhar é natural: a saúde. Condutas educativas, assépticas e interventoras tornam-se capitais socioculturais para suprir as demandas do capitalismo. Os imperativos do capital mimetizam a ordem e tornam-se camufladamente necessidades prementes, um primado.

Logo, as lógicas de mitigação, contenção e superação das adversidades sanitárias tornam-se também lógicas do capital. Os processos cotidianos, sejam afetivos, sociais ou subjetivos tornam-se processos corporativos ou de consumo. Consume-se o cotidiano e a realidade em dissidência. Uma "nova normalidade" é apregoada em uma publicidade que anuncia o beneplácito da manutenção das tramas do capital.

No entanto, a realidade do Brasil não esconde, ao contrário, demonstra de modo eloquente suas disparidades e precariedades. O viço utópico convive com

contextos distópicos. Isto é, enquanto as consequências socioeconômicas da pandemia atingem uma parcela da população estimulando utopias, outra parte é avassaladoramente atingida por um cenário distópico. Cenário esse que não é novo, mas que tornou-se ainda mais atroz.

Reflete-se aqui a associação entre o contexto pandêmico no Brasil e a produção do espaço, ora utópica, ora distópica, promovendo espacializações e espacialidades cotidianas desiguais. Adota-se como interlocução de análise e aporte discursivo a obra *As intermitências da morte* (2005) de José Saramago, buscando na literatura ficcional o viço interpretativo para os cenários aflitivos da vida na cidade.

Da distopia pandêmica à utopia urbana: o residual covídico

Os tempos tornaram-se subversivos. O ensejo pelo futuro implica em uma situação de suspensão. O presente flutua como resistência a outros contextos epidêmicos: a torrente de informações (factuais e falseadas), de afetos (temor, compressão e aceitação) e de direcionamentos sociais (práticas, etiquetas e confinamento). O enfrentamento da realidade torna-se um enfrentamento do tempo, um rogo pelo anacronismo, de modo que a temporalidade não seja tanto mais pungente.

Os espaços se dividem em dois: o espaço hostil, verificado nas vias públicas e seus riscos contagiosos, e o espaço do confinamento, da segurança residencial e dos custos subjetivos dos processos mais gerais e intersubjetivos da realidade pandêmica. O espaço residencial torna-se o contingente do cotidiano com a desmaterialização das funções ou sua paralisação completa. O espaço público torna-se hostil na medida em que frequentá-lo é um dilema moral de assentimento do isolamento plausível *versus* o perigo contratualizado assumido.

Há uma disjunção das unidades espaciais nas quais os sujeitos produzem sua realidade cotidiana. O lar é, fortuitamente, a cidade e a cidade é, sob demanda, o lar em exercício:

A casa, que era invadida de cima para baixo pelo tempo produtivo, tornou-se ela própria o lugar desta produção. Se o tempo da valorização dominava as

relações sociais com sua lógica moldando o comportamento de fora para dentro, agora ele ultrapassou o limiar da porta da morada, invadindo-a, literalmente. O espaço doméstico é, hoje, cada vez mais o ateliê onde o habitante vai transformando todos os momentos da vida privada em “trabalho em ação”. [...] A síntese das atividades realizadas num único lugar se implanta revolucionando a forma de viver e usar o espaço-tempo da vida doméstica. Isso não se explica apenas pela pandemia, mas pelo modo com o qual o setor econômico se aproveita desse momento crítico para subsumi-lo à lógica do lucro, estendendo o tempo da jornada de trabalho já que o trabalhador fica disponível em casa. [...] Neste movimento, a vida urbana do confinamento vai fortalecendo a construção de uma identidade abstrata – marcada pela sociedade de consumo – através de um modelo manipulador que reorganiza as relações sociais direcionadas pelo consumo dos signos e do espetáculo que dão sustentação à urbanidade, sob o capitalismo, fundada no desenvolvimento do individualismo pontuado pela competitividade que ilumina a ética do “cada um por si”. Portanto, esse processo – que se realiza como norma – invade o espaço privado, sem, no entanto, recriar identidades ou “pertencimentos” reais (CARLOS, 2020, p. 12-13).

O cotidiano é atravessado por intempéries e descompassos espaçotemporais (CARLOS, 2020). A redução dos espaços cria novas ambiências. O lugar do confinamento é um lastro subjetivo. Nele, impõe-se o peso dos fatos e da espera pela mitigação dos males em curso. Constrói-se ainda a subjetividade e a cotidianidade confinada que reinventa práticas diárias. A subjetividade comprimida pelo confinamento é que dá o conteúdo que qualifica as vivências do dia a dia.

A cotidianidade na pandemia é também um espaço de desejos. Aspira-se verter as energias vitais na construção de uma realidade sustentável subjetivamente. E essa aspiração não se dá sem um exercício de realocação da memória. Experiências do passado são revisitadas para fornecer motivação para os esforços presentes que, por sua vez, criam por imagens mentais expectativas futuras.

Essas imagens têm flexões distintas entre pessoas, localizações e histórias. Contudo, são integradas por um mesmo sentimento que traz respiro ao cotidiano comprimido. Essas imagens criadas produzem visões construtivas de uma realidade futura, benfazeja. Criativa, tal imaginação sustenta desejos que fazem com que sentidos se combinem para criar um espaço-lugar.

O espaço-lugar pandêmico abriga o alívio da superação dos transtornos, a satisfação pelo retorno a experiências compatíveis ao passado recente, os questionamentos sobre os significados de todo esse processo que é humano e a

socialidade do afeto, da informação e das práticas-desejo dos outros. Desvela-se um enfrentamento utópico.

Por certo que as utopias alimentam e sedimentam práticas e relações sociais (SANTOS; PEREIRA, 2019). Entendidas como construções imaginadas da realidade produzidas a partir de análises sobre um *status* atual, insatisfatório, e que questionado pode se transformar por meio de direções alternativas (SARGISSON, 2012). Em tempos de COVID-19, aspira-se não apenas a supressão da pandemia e suas consequências diretas, mas anela-se um mundo adjetivado por uma "normalidade" paradigmática social, econômica e politicamente.

Na esteira das utopias pandêmicas escondem-se estratégias de manutenção de poder ou de ampliação do ensejo de tolerância pela precariedade exposta pela crise de crises. O anúncio de um "novo normal" representa uma revolução vazia, mais atrelada a uma lógica de atomização política e apagamento do conflito pela estetização do consumo.

Como destaca Carlos (2020, p. 11):

Dominando pelo alto o cotidiano, encontramos um governo profundamente autoritário construindo alianças com determinados setores políticos, militares e econômicos capazes de lhe dar sustentação. É assim que as ações do presidente na porta do palácio ou passeando pelas ruas – quando a OMS receita o isolamento social para conter a propagação do vírus evitando mortes – pedem o fim do isolamento para movimentar a economia e empregos, ao mesmo tempo em que luta contra as instituições democráticas do país. O tempo da vida invadida pela troca, fortemente planejado, burocratizado e rigidamente controlado, se realiza hoje pelo discurso da liberdade de ir e vir, escancara a lógica neoliberal que deve se realizar contra o social. Uma lógica que reúne os interesses particulares e os interesses políticos, entre os que decidem em nome do privado e os que decidem em nome das instâncias superiores dos poderes. Neste plano, estabelece-se uma inversão importante: o esquecimento e a manipulação da coisa pública em proveito do privado, ao mesmo tempo em que restaura as condições da acumulação. A crise urbana vai revelar também o *déficit* de democracia vivido e, nesta situação crítica, a pandemia caminha a passos ligeiros.

Desse modo, mesmo a utopia delineada nesse cenário está sob suspeita. A movimentação de instituições e outros agentes do poder fazem com que a distopia em curso seja disfarçada por recursos estetizados e promessas intermitentes. No deflagrar de um contexto de saúde pública acabam flageladas outros contextos em que as cidades brasileiras têm de conviver.

Os jogos da política econômica, os impactos sobre as famílias, a regressão de direitos, a manutenção de estratégias dominantes, a precarização do trabalho, o reforço do consumo como lógica salvadora, a corrida pela vacina, aspectos que povoam o imaginário e suspendem a potência dos sujeitos conquanto o lar é o ocaso de sua vida.

As intermitências distópicas: lendo a pandemia de COVID-19 em Saramago

Na obra, Saramago delinea um universo distópico no qual ninguém morre. Fazendo oposição à narrativa o autor, o cenário mundial presencia diariamente um número crescente de mortes, anunciando também um mundo distópico, mas de aparente onipresença da morte. Parte-se do pressuposto de que o cenário distópico é ainda mais acentuado para aqueles que habitam determinados lugares do espaço urbano.

Como se sabe, no Brasil, a pandemia tem escancarando as dinâmicas de exclusão social. Aqueles que vivem em determinadas partes das cidades são mais expostos à circulação do vírus por várias razões: moradias aglomeradas, pouco acesso a recursos de proteção, necessidade de circular pela cidade para trabalhar, entre outros. Levando em conta Milton Santos, que afirma que “cada homem vale pelo lugar onde está” (SANTOS, 1987, p. 81), reflete-se que a pandemia atribui explicitamente valor à vida dos indivíduos, nivelando-os pela porção do espaço urbano que habitam.

Levando em conta essa valoração da vida humana feita pelos recortes do espaço urbano, pensa-se as contingências de vulnerabilidade na pandemia que impactam não apenas as condições objetivas de vida, mas que também afetam subjetivamente aqueles que são mais expostos às mesmas circunstâncias de vulnerabilidade. Compreende-se a vulnerabilidade como fenômeno multifacetado, que possui componente subjetivo de fragilização das possibilidades de exercício da cidadania, reconhecimento social e preservação da vida.

Como na obra, as mortes no contexto pandêmico são intermitentes: morre-se pelo flagelo da doença, morre-se pela segregação socioespacial, morre-se pela impossibilidade do ensejo utópico. A pandemia revela com contornos e cores

particulares as fraturas das cidades brasileiras, requalificadas no embate entre morte e vida, utopia e distopia.

Em tempos de COVID-19, aspira-se não apenas a supressão da pandemia e suas consequências diretas, mas anela-se um mundo adjetivado por uma "normalidade" paradigmática social, econômica e politicamente. Levanta-se um calço utópico cuja pujança retórica se dá em atenuar as consequências trágicas e hostis à manutenção do sistema e da vida produtificada no sistema.

Somente um entendimento de utopia que destrua antigas percepções e as transforma em algo novo [...] pode refletir adequadamente as preocupações, necessidades e desejos de descontentamentos com a contemporaneidade. Desse modo, a utopia crítica não apenas esquematiza, mas privilegia a mudança social em curso. E assim o faz abraçando imperfeições e incertezas. Utopias refletem e contribuem para debates de seus tempos. [...] Todas as utopias sempre se engajaram em questões contemporâneas. [...] Elas oferecem uma janela para a o pensamento político vigente e podem ser usadas como textos hermenêuticos ou interpretativos (sociais ou escritos) (SARGISSON, 2012, p. 11, tradução nossa).

Sargisson (2012, p. 8, tradução nossa) destaca que utopias:

[...] sempre expressam descontentamento com o agora e sempre sinalizam para direções alternativas. E como tais, sempre se engajam em debates contemporâneos. Ao questionarem “o que há de errado com o mundo?”, as utopias desempenham uma função diagnóstica. [...] Utopias são radicais em conteúdo e intenção. Elas desafiam as raízes dos sistemas socioeconômicos e políticos contemporâneos. E sua intenção é mudar o mundo.

Como discorre Lefebvre (2016, p. 119):

Num período em que os ideólogos discorrem abundantemente sobre as estruturas, a desestruturação da cidade manifesta a profundidade dos fenômenos de desintegração (social, cultural). Esta sociedade, considerada globalmente, descobre que é *lacunar* [grifo do autor]. Entre os subsistemas e as estruturas consolidadas por diversos meios (coração, terror, persuasão ideológica) existem buracos, às vezes abismos.

O sistema no qual as primícias do desenvolvimento foram anunciadas projeta os indivíduos para uma busca incessante de seus objetos, tensionando expectativas e criando conflitos no campo do imaginário (SANTOS; PEREIRA, 2021). Nesse

prospecto estão as instabilidades do desenvolvimento como programa e processo, ora em relação de dependência (MARINI, 2000), ora como estratégia do sistema (STREECK, 2013) ou como crença celebrada por múltiplos atores e instituições (RIST, 2012).

REFERÊNCIAS

CARLOS, A, F. A. A "revolução" no cotidiano invadido pela pandemia. In: CARLOS, A, F. A. (org.). **COVID-19 e a crise urbana**. São Paulo: FFLCH, 2020. p. 10-17.

MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: SADER, E. (Org.). **Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini**. Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 105-165.

RIST, G. **El desarrollo: historia de una creencia occidental**. Traducción de Adolfo Fernández Marugán. Madrid, España: Catarata, 2002.

SANTOS, G. S.; PEREIRA, A. M. O lugar do desenvolvimento na mobilização social: signos de desenvolvimento e a produção de utopismos nas Jornadas de Junho de 2013. **Sociedade e Território**, Natal, v. 32, n. 2, p. 8-25, fev. 2021.

SANTOS, G. S.; PEREIRA, A. M. Utopismo, insurgência e espaço urbano: o "direito à cidade" lefebvriano e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 21, n. 45, p. 461-479, ago. 2019.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SARAMAGO, J. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARGISSON, L. **Fool's gold: utopianism in the twenty-first century**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2012.

STREECK, W. **Tempo Comprado**. A crise adiada do capitalismo democrático. Lisboa, Portugal: Actual, 2013.